

Opiniãoanálise

ANUNCIE SEU IMÓVEL
COM A PEDÓ
VENDA E ALUGUEL

51 3729-8505
WWW.PEDOIMOVEIS.COM.BR

FALE CONOSCO

PEDÓ
IMÓVEIS

rodrigomartini@grupoahora.net.br
RODRIGO MARTINI

SkyGlass
Pré-Lançamento
O seu
mais novo
endereço
está aqui.
42 a 131m²
Studios, 2 e 3 dorm.
com suíte

FALE COM SEU
CORRETOR

104 mortos e 17 desaparecidos

Afinal, o que aprendemos?



Mais aporte à concessão?

Em entrevista coletiva durante abertura da 17ª Fenachim, em Venâncio Aires, Eduardo Leite (ainda no PSDB) voltou a ser questionado sobre a possibilidade de aumentar o aporte de R\$ 1,3 bilhão ao contrato de concessão das nossas rodovias estaduais, como forma de diminuir ainda mais o valor da tarifa teto do quilômetro rodado, inicialmente projetada em R\$ 0,23. E, pela primeira vez desde o início do debate público, o governador deu um leve e subliminar sinal positivo ao pedido regional.

A maior catástrofe natural da história do Brasil ocorreu sob nossos olhos. Vivenciamos o pânico, a angústia e o terror durante os intermináveis e chuvosos dias de abril e maio de 2024. E mesmo com a memória recente da trágica enchente de setembro de 2023, fomos outra vez incapazes de prever as dimensões do evento que se aproximava e o número de mortos voltou a ultrapassar a marca de cinco dezenas. Eis o fato o mais doloroso. As recentes enchentes mataram 104 moradores do Vale do Taquari, e deixaram outros 17 conterrâneos desaparecidos. Eram crianças, jovens, adultos e idosos. Dezenas de famílias dilaceradas e histórias

de vida interrompidas brutalmente pela fúria momentânea do nosso Rio Taquari. Uma cicatriz eterna para uma região tão pujante e acolhedora. Uma dor imensurável para os parentes e amigos. Um alerta eterno às próximas gerações. E diante da constante ameaça de um novo evento climático, precisamos de uma vez por todas compreender os limites à urbanização e tratar o monitoramento das bacias hidrográficas com a devida seriedade. Há prioridades que já não podem ficar em segundo plano em âmbitos municipal, estadual e federal. Acima de tudo, é preciso aprender com os erros do passado e evitar mortes no futuro. Eis o desafio.

TIRO CURTO

- Alguns prefeitos do Vale do Taquari ficaram impressionados com o modelo de atuação do Consórcio Intermunicipal de Serviços do Vale do Rio Pardo (Cisvale), apresentado aos gestores da Amvat durante reunião conjunta com a Amvarp, na sexta-feira, nos ambientes da 17ª Fenachim, em Venâncio Aires. Eles destacaram os projetos regionais capitaneados pelo referido consórcio.
- Secretário do Trabalho e Desenvolvimento Profissional, Gilmar Sossella apresenta o projeto MEI RS Calamidades. O evento ocorre na quarta-feira, às 15, no Centro de Eventos da PUC.
- Empresários aguardam contatos do governo de Estrela para compreender as recentes mudanças na Empresa Pública de Logística Estrela. Em resumo, a presidente Elaine Strehl deixou a função para atuar na prefeitura. E o Pastor José Alves (Podemos) assumiu como Diretor Administrativo da Elog.
- O governo lajeadense quer lançar ainda em maio a licitação (com recurso da Defesa Civil Nacional) para a obra de uma nova ponte sobre o Rio Forqueta, ao lado da Ponte de Ferro. Uma estrutura de concreto e com dois sentidos. Em tempo, será uma confortável (e já prevista na modelagem do pedágio) rota de fuga para um provável free flow entre Lajeado e Arroio do Meio.

Troca-troca entre Artus e Scorsatto?



O PDT avalia a possibilidade de intermediar a negociação entre dois suplentes de deputado estadual da Região dos Vales. No caso, Airton Artus, que assumiu uma cadeira em janeiro de 2023 – o titular Gilmar Sossella assumiu a secretaria estadual do Trabalho –, e José Scorsatto, que pretende assumir a mesma cadeira por ao menos quatro meses e ainda em 2025. Ambos já conversaram, e o assunto também já foi levado ao presidente estadual do PDT no RS, Romildo Bolzan Júnior. E Artus ainda não decidiu se vai ceder espaço ao colega pedetista. Em tempo, a fotografia é do colega Henrique Pedersini e foi feita nessa sexta-feira, durante encontro da Amvarp e Amvat na Fenachim.

Reconhecimento à União e ao Estado



Um ano após a maior catástrofe natural da história deste país e o Vale do Taquari deu a volta por cima. Ainda há muito a ser feito, claro. Habitações, infraestrutura, limpeza, recuperação de empresas, novos planos diretores e de contingência, monitoramento das bacias, sistemas de comunicação e alertas, entre outras tantas frentes serão nossos desafios pelos próximos anos – ou décadas. É um trabalho lento, doloroso, e que recém iniciou em uma região antes habituada a problemas bem menores. E os avanços precisam ser celebrados e reconhecidos. Digo tudo isso, também, para que possamos compreender, sem

paixões ou filtros ideológicos, a importância do Estado e da União nesse processo de reconstrução – que para o Vale já iniciou em setembro de 2023. Apesar da lentidão de muitos processos, é preciso reconhecer o esforço e a proximidade dos representantes dos governos federal e estadual. E isso vai muito além dos bilhões injetados – ou devolvidos à sociedade gaúcha. Os últimos 12 meses foram de muita cumplicidade e amadurecimento entre atores e personagens envolvidos neste inédito processo de reconstrução. Mas sim, ainda há muito a se fazer nos próximos 12, 36, 60 ou 84 meses. E a cobrança há de persistir.

MDB tende a apoiar Mateus Trojan à Assembleia



A disputa interna entre prefeitos do MDB por uma única candidatura regional do partido para deputado estadual já possui algumas pré definições. Entre essas, a preferência de alguns caciques partidários pelo nome do jovem gestor Mateus Trojan, o prefeito reeleito de Muçum, uma das cidades mais destruídas e impactadas pelas enchentes de 2023 e 2024. Além dele, o também reeleito Germano Stevens, prefeito de Imigrante, é outro agente público

do MDB que busca construir uma candidatura à assembleia. Mas a tendência do partido, reforço, é apostar em Trojan. Fato é que o partido com mais prefeitos, vices e vereadores do Vale do Taquari não deve ficar de fora da briga pela tão sonhada vaga no parlamento gaúcho – Márcia Scherer também pode entrar na briga. Resta saber como será a postura com relação à busca regional por uma vaga no Congresso Nacional.

UM ANO DA TRAGÉDIA

Ato simbólico na prefeitura de Lajeado lembra catástrofe

Queremos estar muito mais preparados para próxima enchente, diz prefeita Gláucia Schumacher

LAJEADO

O governo de Lajeado realizou nessa sexta-feira, 2, ato simbólico para relembrar o primeiro ano da enchente histórica que atingiu o município, cujo pico aconteceu exatamente no dia 2 de maio de 2024. A programação iniciou às 13h, no largo em frente ao centro administrativo, e diversas ações estão previstas ao longo do dia e do mês, em memória da tragédia e como forma de reflexão coletiva.

A prefeita Gláucia Schumacher destacou que a data é um marco de lembrança e também de compromisso com o futuro: “Queremos estar muito mais preparados para a próxima enchente. Essa tragédia nos ensinou o quanto a prevenção e o planejamento são essenciais.”

O ato reforça a importância de políticas públicas voltadas à gestão de riscos e adaptação climática, além de prestar homenagem às vítimas e às famílias afetadas pela maior catástrofe natural da história do município.



Ato ocorreu em frente ao centro administrativo de Lajeado nessa sexta

Outras atividades

Exibição do documentário “Submersos – Um olhar sobre as vítimas das enchentes em Lajeado/RS”, dirigido por Marcelo Sá Silva, com produção viabilizada por meio de edital da Lei Paulo Gustavo, na categoria Curta-Metragem Legado. O filme será exibido ao longo do dia em espaço montado na sede da Prefeitura.

Abertura da exposição fotográfica “Marcas d’Água – A água

passou, e deixou marcas”, da fotógrafa Carolina Leipnitz. As imagens retratam cenas marcantes durante e após a enchente e ficarão expostas por uma semana no largo da Prefeitura.

Inauguração de uma placa que registra o nível alcançado pela enchente no Centro Administrativo, com a medida oficial de 33,66 metros, conforme nota técnica do Serviço Geológico do Brasil (CPRM). O pico foi registrado às 13h30 do dia 2 de maio de 2024.

INVESTIGAÇÃO

FOTOS: GABRIEL SANTOS



Corpo encontrado no Saraquá em Lajeado não tinha sinais de violência

Exame de necropsia vai determinar se houve afogamento ou outro fator externo como causa da morte

Gabriel Santos
gabriel@grupoahora.net.br

LAJEADO

De acordo com informações preliminares repassadas pelo delegado Marcelo Hartz, da Delegacia de Polícia de Pronto Atendimento (DPPA), o corpo encontrado na manhã dessa sexta-feira, 2, no arroio Saraquá, não apresentava sinais visíveis de violência. O cadáver foi encontrado por populares que acionaram a Brigada Militar.

Segundo Hartz, o caso está sendo tratado inicialmente como um encontro de cadáver. “Foi solicitado um exame de necropsia, que vai apurar se houve algum fator externo que levou à morte do

homem, além da possibilidade de afogamento. A polícia vai trabalhar com várias linhas de investigação. O exame vai apontar o que realmente aconteceu”, afirmou o delegado.

Apesar da suspeita de que a vítima possa ter morrido por afogamento, o que, se confirmado, não configura crime, nenhuma hipótese está descartada até o momento. A identidade do homem ainda não foi divulgada.

O corpo foi removido com o auxílio de embarcações do Corpo de Bombeiros Militares. O registro da ocorrência foi feito na DPPA e a investigação foi encaminhada à Delegacia de Polícia para continuidade dos trabalhos.

DIA DAS

mães

NOVIDADE

TORTA ABACAXI COM COCO QUEIMADO

NOVIDADE

TORTA BOLONHESA

Encomende nossas delícias e deixe seu almoço de dia das mães ainda mais **doce!**

Rua Pedro Albino Muller, 250/101
Americano - Lajeado - RS

(51) 99967-6174

compre
e ganhe

ESTOQUE LIMITADO

NA COMPRA DE 1 TORTA E 1 QUICHE
GANHE 1 CAKE BOX DIVINA

DUPLICAÇÃO DA 386

Nova etapa de obras gera desvio do fluxo da BR à noite



DIVULGAÇÃO

Fluxo será desviado das 22h às 5h, todos os dias. Expectativa é concluir viaduto até o fim do ano

Concessionária constrói elevada no bairro Montanha e, por isso, fará adequação e instalação da nova rede de drenagem, o que motiva o desvio

LAJEADO

A CCR ViaSul iniciou na noite de quinta, 1º, uma nova etapa nas obras de implantação do dispositivo localizado na região do quilômetro 345 da BR-386, em Lajeado. No local, a concessionária constrói uma elevada, que, agora, exige a instalação e adequação da nova rede de drenagem no entorno. Assim, até o final de maio, os trabalhos serão feitos sempre no período noturno, das 22h às 5h do dia seguinte. Nesse intervalo, será necessário desviar o fluxo de veículos da pista Sul (sentido capital) para uma das faixas na pista Norte (sentido interior), em contrafluxo, a partir do quilômetro 344,5, quando retornarão para a pista Sul

na região do quilômetro 345,8. Também, entre as 22h e 5h, o fluxo na via marginal Sul será desviado para a Rua Irmando Weissheimer, retornando à marginal pela Rua Donga Menezes e, posteriormente, à BR-386. A concessionária reforça a orientação aos motoristas para que atentem à sinalização instalada, respeitando os limites de velocidade e as indicações das equipes. Da mesma forma, sugere que, quando possível, os clientes programem sua viagem para evitar imprevistos. Toda a operação foi definida em parceria com a Polícia Rodoviária Federal (PRF) e departamento municipal de trânsito. Ainda, os serviços estão sujeitos às condições climáticas e poderão ser reprogramados.

MINUPAR PARTICIPAÇÕES S.A.
CNPJ 90.076.886/0001-40 – NIRE 4330031161
FATO RELEVANTE

Minupar Participações S.A. ("Companhia"), em cumprimento ao disposto na Resolução CVM nº 44/2021, informa aos seus acionistas e ao mercado em geral que sua controlada indireta, **Companhia Minuano de Alimentos** ("Controlada"), celebrou, em 28 de abril de 2025, termo de transação tributária individual com a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional ("PGFN"), nos termos da Portaria PGFN nº 6.757/2022. O acordo tem por objetivo a regularização integral de seus débitos tributários inscritos em dívida ativa da União. A transação foi consolidada nesta data com o pagamento da primeira parcela. O valor total dos débitos contemplados é de aproximadamente **R\$ 556 milhões**, correspondente aos débitos inscritos em dívida ativa até abril de 2025. Após aplicação dos descontos previstos e da compensação com créditos de prejuízo fiscal e base negativa de CSLL, estima-se que o passivo consolidado será da ordem de **R\$ 80 milhões**. Esse montante será quitado em até 60 meses para os débitos previdenciários e em até 120 meses para os demais tributos. Os débitos atualmente parcelados em outros programas permanecerão nas respectivas modalidades. Em razão dos impactos da enchente ocorrida em maio de 2024, os primeiros 36 meses contarão com parcelas reduzidas, conforme os benefícios estabelecidos pela Portaria PGFN/MF nº 1.032/2024 (Transação S05-RS). A regularização da situação tributária da Controlada era tratada como **prioridade estratégica** nos últimos anos, uma vez que representava a principal fonte de passivo fiscal consolidado da Companhia, com impacto direto sobre seu resultado e posição patrimonial. Parte das tratativas e seus potenciais efeitos já haviam sido divulgados no Formulário de Referência de 2024. Com a formalização do acordo, a Controlada estará apta à emissão da **Certidão Positiva com Efeitos de Negativa de Débitos (CPDEN)**, condição necessária para o acesso a benefícios fiscais, operacionais e financeiros, incluindo a obtenção de linhas de crédito com condições mais favoráveis e o fortalecimento da posição da Companhia frente a seus stakeholders. Os efeitos contábeis e financeiros da transação serão refletidos gradualmente, em conformidade com o cronograma de pagamentos e os respectivos impactos no caixa consolidado. Ressalta-se que o **impacto financeiro será observado ao longo dos próximos anos**, dada a relevância dos compromissos assumidos para o fluxo de caixa. A Companhia, diante deste novo cenário, **inicia um processo de reestruturação estratégica** com foco na consolidação de sua estabilidade financeira, **prevendo investimentos direcionados à manutenção e modernização de seu patrimônio** – áreas que, nos últimos anos, não puderam ser priorizadas em função das limitações impostas pelas dificuldades enfrentadas. A Companhia informa que os principais impactos contábeis serão devidamente refletidos no **Informe Trimestral (ITR) referente ao 2º trimestre de 2025**. Com base nas projeções atuais, estima-se que o impacto positivo dessa medida será suficiente para reverter o patrimônio líquido negativo registrado até o momento. Adicionalmente, a partir da assinatura do acordo, a Controlada se comprometeu a observar todas as obrigações complementares previstas na Portaria PGFN nº 9.917/2020, manter a regularidade com o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e cumprir integralmente o plano de pagamento pactuado. **O descumprimento dessas condições poderá resultar na perda dos benefícios concedidos e na rescisão da transação.** Importante destacar que a Companhia e suas controladas já vêm mantendo tal regularidade fiscal de forma contínua nos últimos anos. A Companhia reconhece e agradece o trabalho técnico dos administradores, de sua equipe interna, da equipe da Controlada e dos consultores jurídicos externos que prestaram assessoria especializada, cuja atuação coordenada foi determinante para a conclusão bem-sucedida da negociação. Por fim, a Companhia agradece, de forma especial, a confiança dos acionistas no trabalho conduzido pela administração, reafirmando seu compromisso com uma gestão sólida, transparente, com disciplina financeira e orientada à criação de valor sustentável no longo prazo. Lajeado (RS), 30 de abril de 2025. **TIAGO FONSECA SIQUEIRA** - Diretor de Relações com Investidores

OBITUÁRIO

LOSENA WAHLBRINK HALMENSCHLAGER, 88, faleceu na sexta-feira, 2. O velório ocorre na Capela Velatória da Comunidade Evangélica de Costão, em Estrela. O sepultamento ocorre neste sábado, 3, às 10h, no Cemitério Evangélico da mesma comunidade.

ALTAIR LUIZ HOLSCHER, 59, faleceu na sexta-feira, 2. O velório ocorre no Necrotério Católico de Canabarro, em Estrela. O sepultamento ocorre neste

sábado, 3, às 10h, no Cemitério Católico da mesma comunidade.

FRANCISCO ASSIS BORTOLI, 54, faleceu na sexta-feira, 2. O velório ocorre no Memorial Costa, em Taquari. O sepultamento ocorre neste sábado, 3, às 10h, no Cemitério dos Almeida, em Taquari.

WILMA VIAN CIMA, 94, faleceu na sexta-feira, 2. O sepultamento ocorreu no Cemitério Santo Antônio, em Encantado.

NELSON SENDER, 77, faleceu na sexta-feira, 2. Os atos fúnebres ocorreram em Arroio do Meio.

RAUL PEDRO SCHNEIDERS, 71, faleceu na quinta-feira, 1º. O sepultamento ocorreu no Cemitério Evangélico do Florestal, em Lajeado.

JENDIRA JANICE BECHLIN, 53, faleceu na quinta-feira, 1º. O sepultamento ocorreu no Cemitério Católico do Hidráulica, em Lajeado.

Publicações Legais



GRUPO A HORA
Nossa força é o desenvolvimento regional

(51) 3710-4200



APRESENTAÇÃO:
Claiton Miranda



PARTICIPE:
51 3710.4250



Música e cultura
semeam a tradição gaúcha
NESTE DOMINGO: 10h às 14h

PATROCÍNIO:

SINTONIZE 102.9 OU OUÇA PELO NOSSO PORTAL:

GRUPOAHORA.NET.BR

RÁDIO 102.9
A HORA



PRIMUS
RESTAURANTE E LANCHERIA



Faleiro



5QUENTÃO



UM ANO DA TRAGÉDIA

DOS ESCOMBROS À RECONSTRUÇÃO

Reconstrução em curso, com a força coletiva da região

O Vale do Taquari completa um ano da histórica cheia de maio, com marcas que vão muito além da lama seca. Entre os escombros, brota a vontade de se reerguer. E isso já nos primeiros dias pós-enchente.

No olhar de quem perdeu moradias, existe uma resistência que se transforma em ação. Em cada comércio que reabre, a vontade de dar certo. Em 365 dias, novos serviços surgiram, como o profissional que reforma piscinas, no Bairro Navegantes em Arroio do Meio, e as revende em Santa Cruz do Sul. O nome dele é Carlos Alberto dos Santos, o “caçador de piscinas”.

Animais passam a integrar ainda mais o cotidiano de pessoas que precisam de amparo. Dona Terezinha, que morava em Passo de Estrela, se transferiu para o centro de Cruzeiro do Sul e ganhou uma cachorrinha, para sanar a ansiedade. É um apego, um conforto.

Dona Gemile visita o sítio soterrado no Bairro Carneiros e



Cruzeiro do Sul. Airton e Terezinha adotaram uma cachorrinha, o apoio psicológico

sente saudades das galinhas. A igreja da localidade foi completamente destruída, mas ela ainda reza para a santinha que agora está ao ar livre, rodeada por flores, acolhendo os desejos dos fiéis que não lhe faltam.

O futuro ainda é ansioso, com famílias aguardando casas definitivas e os comércios e negócios juntando peças para se reerguer.

O Taquari segue seu curso, com ainda muito lixo dentro dele. O esforço para se reerguer é coletivo. Um ano depois, pontes foram reconstruídas, o Vale se abre para o turismo, incentivando a capacidade de prosseguir. Pouco a pouco, desenhamos uma nova região: **O Vale da Persistência.**



Roca Sales, Ademar Boaro conta que a vida está voltando ao normal



Lajeado, Evandro Marin reergue sua agropecuária



Arroio do Meio, Carlos Alberto dos Santos, conserta piscinas



Estrela, a comunidade de Arroio do Ouro, movida pela fé e pela força de vontade, já realizou seu primeiro Kerb



Como se desenhrou a maior enchente da história do Vale

Dia 1º de maio de 2024. Por volta das 20h30min, o nível do Rio Taquari alcançava a marca de 29,75 metros em Lajeado. A enchente de setembro de 2023, até então a maior da história a partir de uma revisão de dados, ficou para trás.

Naquela noite, as águas do Taquari inundaram a ponte seca da rua Bento Rosa, na BR-386, pela primeira vez. Horas depois, foi a vez da

ponte entre Lajeado e Estrela. As imagens da estrutura submersa correram o país. Na manhã do dia 2, a correnteza do Forqueta arrastou as únicas ligações entre Lajeado e Arroio do Meio e também a travessia entre Marques de Souza e Travesseiro.

O ápice da cheia ocorreu por volta das 13h30min. A medição do Taquari naquele momento apontava 33,66 metros em Lajeado, 20 metros acima do nível normal. A elevação de apenas cinco

centímetros em uma hora, somada às informações de redução na região alta, indicava estabilização.

Somente no dia 7, exatamente uma semana após o rio atingir a cota de inundação, é que a situação se normalizou. Uma tragédia sem precedentes. Institutos de meteorologia projetavam, com antecedência, um evento de chuva extrema com alto risco de enchentes no RS. Como em setembro de 2023.



ALDO LOPES/ARQUIVO

Dias de caos na região



25 DE ABRIL

- Alerta emitido pela MetSul Meteorologia indica cenário de grave risco com chuva extrema no Vale do Taquari.

29 DE ABRIL

- Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) emite o primeiro alerta vermelho de volume elevado de chuva.

- No mesmo dia, quedas de barreira são registradas na região. Rios transbordam e causam destruição em cidades do Vale do Rio Pardo, caso de Sinimbu.

30 DE ABRIL

- Cidades às margens do Rio Forqueta registram grande volume de chuva, com mais de 150 milímetros. Arroios transbordam e invadem áreas urbanas de Forquetinha e Progresso.

- Chuva torrencial nas cabeceiras começa a refletir no nível do Rio Taquari. Em Roca Sales, chegou a subir mais de um metro por hora.

- Em Lajeado, choveu quase 190 milímetros em 24 horas. Rio sai do leito rapidamente e chega aos 27 metros na madrugada, desabrigando centenas de famílias.

- Municípios abrem abrigos em ginásios, igrejas e salões comunitários para receberem as famílias atingidas. Espaços permaneceram ativos por meses.

1º DE MAIO

- Um total de 31 cidades da região decretam calamidade pública, em dia marcado por pedido de socorro imediato do governador Eduardo Leite ao presidente Lula.

- Após um curto momento de declínio, nível do Rio Taquari volta a subir em Lajeado e supera marca de 2023 às 20h30min, ao chegar a 29,75 metros.

- Primeiras aeronaves chegam ao Parque do Imigrante para início dos resgates de pessoas na região. Primeiros salvamentos ocorrem em áreas isoladas.

2 DE MAIO

- Região amanhece com a ponte da BR-386, entre Lajeado e Estrela, praticamente submersa. Uma balsa atingiu a proteção de passagem e causou danos à estrutura. Na região alta, nível do Taquari começa a recuar.

- Força do Rio Forqueta causa estragos logísticos na região, levando parte da ponte da ERS-130 e da histórica Ponte de Ferro, ambas entre Lajeado e Arroio do Meio, além da ponte entre Marques de Souza e Travesseiro.

- Às 13h30min, nível do rio atinge o pico de 33,66 metros em Lajeado ao subir 5 centímetros em uma hora e inicia processo de estabilização. No município, foram mais de mil pessoas fora de casa.

3 DE MAIO

- Chuva perde força na região. Desobstrução de acessos revelam cenários de destruição em Forquetinha e Marques de Souza. Diversas localidades permanecem sem luz e sem sinal de telefone e internet.

- Lajeado inicia processo de limpeza de áreas onde as águas recuaram. No fim da noite, nível estava em 25,86 metros. Em Cruzeiro do Sul, poucas casas resistiram nos bairros Passo de Estrela, Glucostark e Zwirtes.

5 DE MAIO

- Chuva do fim de semana nas cabeceiras repercute no Rio Taquari, que apresenta breve repique. Após baixar de 22 metros na madrugada, volta a passar dos 24 metros até estabilizar no meio da tarde. Sol volta a aparecer depois de mais de uma semana de instabilidade.

7 DE MAIO

- Após uma semana, Rio Taquari volta ao nível normal em Lajeado, atingindo a cota de 13 metros no decorrer do dia.

- Quando as águas baixam, é visto um cenário de destruição que impactou famílias, negócios e agricultura. Marcas são sentidas ainda hoje.



Moradia é o maior desafio

Com mais de 5,7 mil residências cadastradas em programas habitacionais, vítimas da maior tragédia da região dependem da compra assistida, iniciativa privada, alugueis ou casas improvisadas

Passado um ano das enchentes históricas que devastaram o Vale do Taquari em 2023 e 2024, nenhuma moradia foi construída pelos governos federal ou estadual às vítimas da tragédia. Embora mais de 5,7 mil residências estejam cadastradas em programas de reconstrução ou compra, como o Minha Casa Minha Vida Calamidade e o Compra Assistida, até agora o movimento mais efetivo foi da iniciativa privada.

Diante do cenário, a comunidade atingida ainda vive de forma improvisada, em moradias temporárias ou pagam aluguel. Do total de programas em andamento, são 219 moradias por projetos de doação da iniciativa privada. De ordem federal, são 300 casas repassadas aos moradores pelo programa Compra Assistida. Conforme dados oficiais, há 600 processos em liberação.



Essa era uma rua bonita e colorida. Hoje, paro na frente e fico triste. Acho que o cotidiano vai mudar, melhorar."

SOLANGE NUNES
MORADORA DO BAIRRO NAVEGANTES

Um bairro abandonado

Cerca de 65% da população de Arroio do Meio foi atingida pelas enchentes, que causaram estragos significativos no comércio, nas lavouras e nas estradas. Uma placa



Um bairro se destaca pelo lamento dos poucos moradores. O bairro Navegantes parece ter parado no tempo.

à beira do rio revela a dimensão da tragédia: 13 mil pessoas foram afetadas na cidade. Diante desse cenário, a prioridade é estruturar um plano de moradia para os desalojados.

Um bairro se destaca pelo lamento dos poucos moradores. O bairro Navegantes parece ter parado no tempo. Um ano depois da maior enchente da história da região, as ruas movimentadas já não existem. O mato cresce entre as casas destruídas, invadindo terrenos onde antes havia lares, comércios e memórias.

Moradora da localidade, Solange Nunes é uma das poucas que voltaram. "Aluguei outra casa no bairro porque em outros lugares o aluguel estava muito alto", explica. Ela mora com o marido e mais cinco familiares. Nos últimos meses, enterrou a sogra e a mãe. À noite, a escuridão do bairro abandonado lhe causa temor. As luzes dos postes estão queimadas.

"Essa era uma rua bonita e colorida. Hoje, paro na frente e fico triste." O neto disse: "Vó, não vamos mais passear no bairro, porque é muito triste ver isso". Ela concorda, parece um filme de guerra. Mas mantém a esperança, porque acha que esse é o último sentimento que morre. "Nos próximos cinco anos, acho que o cotidiano vai mudar, melhorar".

Arroio do Meio necessita de 700 moradias. Já foram viabilizadas



Dalva voltou com os filhos e os cachorros à Vila Zwirtes, mas relata o medo de viver no bairro abandonado

mais de 300 unidades temporárias pelo Estado, Ministério Público e setor privado. A meta é também tirar do papel as 294 casas da Defesa Civil Nacional. A prefeitura considera 60% do Bairro Navegantes zona de arraste. Parte dele deve ser transformado em parque. Segundo o prefeito Sidnei Eckart, "apesar de todo o impacto da catástrofe, o município vem se recuperando, com indústria atuante".

Sem ter onde ir

Mais de 80% da área urbana de Cruzeiro do Sul foi afetada. O Bairro Passo de Estrela foi levado pelas águas. A poeira levanta

bruta da estrada, e gruda-se às árvores que, um dia, foram verdes. A vegetação cresce em terrenos baldios, que donos não visitam mais, nem acham jeito de vender.

O desastre foi semelhante na Vila Zwirtes. Moradora do bairro há 22 anos, Dalva Santos de Castro salvou os filhos e os cachorros. O marido foi o último a sair do imóvel. A família tentou alugar um sobrado, mas os altos preços dos alugueis tornaram a experiência insustentável, forçando-os a retornar à Vila Zwirtes.

A escola da filha, a somente 100 metros de casa, foi destruída, restando somente camadas de lama nas salas de aula. Agora, a menina



Solange Nunes é uma das poucas que voltaram ao bairro Navegantes, em Arroio do Meio. Reside com o marido, cinco familiares e os animais



As ruas movimentadas já não existem, e poucas pessoas circulam



Escola Antônio Domingos Cícero, em Vila Zwirtes, não foi mais reaberta

precisa pegar ônibus para estudar na Linha Primavera.

Dalva observa a vegetação densa que tomou conta dos terrenos vizinhos à sua casa, severamente danificada pela enchente. À noite, o medo de cobras a assombra, e no inverno, o temor de novas tempestades. “Não tenho mais vizinhos”, desabafa. Ela sente medo constante, especialmente durante as chuvas, quando monitora o rio e o tempo. “Eu não gosto mais de morar aqui”.

De casa quitada ao lar temporário

A água invadiu os telhados do Bairro Porto XV, de Encantado,

em maio de 2024. O rio alcançou conjuntos residenciais que ainda estavam em construção, levando embora o lar de aposentados.

Sueli Franco, 57, havia quitado a casa que pagaria em 30 anos, em oito anos. Em abril do ano passado, havia concluído a última parcela. No mês seguinte, a enchente empurrou as portas e destruiu o sonho da casa própria. “A enchente me deixou só com a roupa do corpo”, conta. Mas ela não saiu do bairro, mudou-se para uma rua acima, em uma das poucas casas habitáveis de um residencial semi abandonado. “O dono que nos vendeu o residencial anterior deixou a gente ocupar este aqui. Só religamos a luz. Estamos aqui por enquanto.”

Sueli teme os furtos que têm acontecido nas áreas mais vulneráveis do Porto XV. O bairro convive com o roubo de fios, portas, janelas e madeira das casas. “Levaram até a porta do meu quarto”, relata. Ainda assim, planeja ficar. “Confio que a prefeitura libere para permanecermos. Não temos para onde ir.”

Uma parte do bairro, localizada em zona de risco, está totalmente desamparada. A vegetação alta aumenta a sensação de insegurança. Em uma das casas, uma inscrição feita à mão: “Não roube. Já estou sem nada.” O município desencoraja pessoas a permanecerem em áreas de risco. Mesmo assim, elas insistem em ficar. Não sabem aonde ir.



Encantado. Sueli voltou ao Porto XV e religou a luz de uma das casas abandonadas

Pescador permanece às margens do rio

Já no bairro São Miguel, também em Cruzeiro do Sul, os telhados desabados são a imagem que perdura na cena do interior. Moradores voltam ao local, uma tentativa de recapturar a vida, o pouco que sobrou. O pescador Jorge Carlos do Couto reside há 60 na localidade, a 50 passos do Rio Taquari.

Quando o temporal atingiu com força a casa, ele quebrou o forro e se refugiou no telhado durante três dias. Sem comida, bebida e com frio, esperou por socorro enquanto via a tragédia se desenhar à sua frente. Após 72 horas, uma lancha de voluntários o auxiliou.

Da casa, sobrou um pedaço, que ele agora usa como cozinha e quarto. Não pensa em mudança. “Vou ficar. Não tenho condições de pagar aluguel em outro lugar.” Couto ainda retira o alimento do rio. Observa o entorno e salienta: “algumas pessoas começam a voltar”.



Pescador observa entorno do rio que levou parte de sua casa, mas de onde ainda retira seu sustento



Levaram tudo, até a porta do meu quarto.”

SUELI FRANCO
MORADORA DO PORTO XV



Vou ficar. Não tenho condições de pagar aluguel em outro lugar.”

JORGE CARLOS DO COUTO
PESCADOR APOSENTADO



Você **conectado** na **reconstrução** do **Vale do Taquari**



Raio X da região

5,7 mil

residências cadastradas em programas de reconstrução ou compra

300

casas repassadas aos moradores pelo programa Compra Assistida

600

imóveis em liberação pelo governo federal

219

moradias por projetos de doação da iniciativa privada

Cidades com maior demanda por casas

Estrela 1.377
Cruzeiro do Sul 1.105

Arroio do Meio 778

Venâncio Aires 410

Lajeado 395

Encantado 280

Taquari 364

Roca Sales 338

Muçum 320

Depois dos escombros, o esforço para dar a volta por cima

Um ano após a maior enchente da história do Vale do Taquari, a economia regional apresenta sinais de recuperação. Ainda assim, cadeias produtivas enfrentam custos elevados na logística, carência de mão de obra e perda de espaço no mercado

Perseverança, resignação e esperança. Três palavras basilares no dicionário dos empreendedores do Vale do Taquari após a sequência de inundações de 2023 e, em especial, de maio de 2024.

Na maior tragédia natural da história do país, ficou claro o quanto estratégias e planos podem ruir sem aviso prévio. Apesar do cenário dramático, a identidade do empreendedor regional, voltada a superar desafios, encontrar soluções nas dificuldades e trabalhar por dias melhores, faz com que negócios prejudicados comecem a recuperar o mercado perdido.

“Tivemos grandes prejuízos. Nem gosto de falar. Primeiro com a inundação de setembro. Tentamos voltar para o mesmo

endereço, quando tivemos a de novembro, já sabíamos que não dava mais. A de maio do ano passado veio para confirmar. Hoje, estamos com 30% da nossa capacidade produtiva em um pavilhão alugado em Estrela”, conta o diretor da Lajeadense Vidros, Renato Arenhart.

Marca reconhecida em todo o Estado, a Lajeadense investe em uma nova sede. A fábrica ficava na rua Bento Rosa, próxima ao Rio Taquari. Agora, tanto a administração quanto a manufatura vão para o prédio no bairro Imigrante, próximo a BR-386. “Mantemos a empresa na nossa cidade. Temos vinculação com Lajeado, não só pelo nome, mas pelos nossos colaboradores.”

Conforme estimativa em relatório da Câmara da



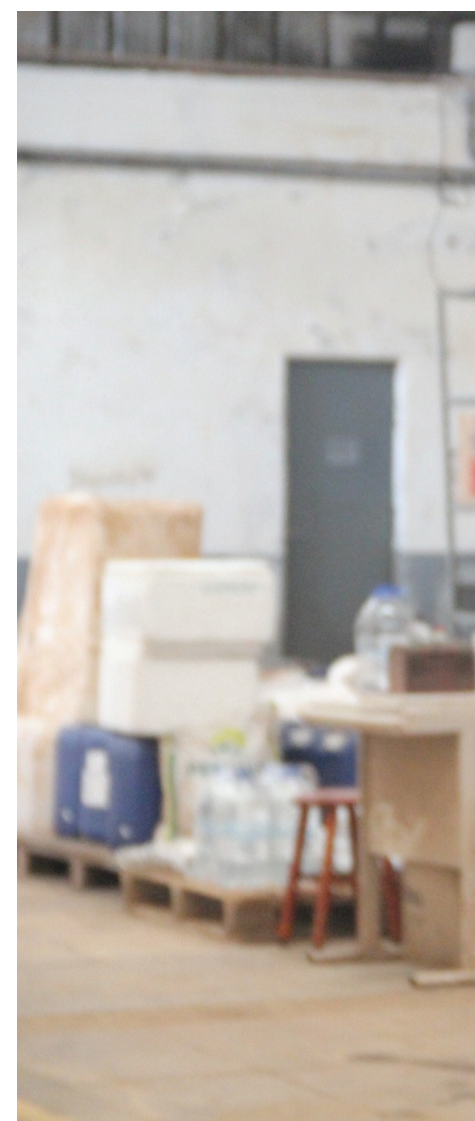
Mudança de endereço

Vizinha da Lajeadense antes das inundações, a STW Automação antecipou a mudança. A decisão veio depois de setembro de 2023. A construção avança no 386 Business Park, em Estrela.

O complexo administrativo e fabril terá cerca de 7,5 mil metros quadrados, com investimento estimado em R\$ 20 milhões, entre construção, infraestrutura e aquisição de maquinários.

Indústria e Comércio (CIC-VT), a empresa teve mais de R\$ 20 milhões em prejuízos. Estoques, equipamentos, máquinas e matéria-prima foram levados pela força da correnteza. “Na

nova sede, teremos o dobro da capacidade produtiva”, conta Arenhart. O investimento na construção supera os R\$ 5,5 milhões. A empresa emprega cerca de 120 funcionários.



Indústria com quase 100 anos de história, a Vinagres Prinz deixa Lajeado e abre a nova sede em Estrela



Mantemos a empresa na nossa cidade. Temos vinculação com Lajeado, não só pelo nome, mas pelos colaboradores.”

RENATO ARENHART
DIRETOR DA LAJEADENSE VIDROS



Lajeadense Vidros investe em uma nova sede no bairro Imigrante





Mudança quase um século depois

A indústria com quase 100 anos de história, a Vinagres Prinz deixa Lajeado. Vai para Estrela. A perspectiva é que a mudança ocorra ainda neste ano. Por enquanto, segue a produção na rua Osvaldo Aranha, próximo ao Rio

Taquari. A nova sede será em Delfina, em uma área com mais de 8,7 metros quadrados.

Segundo o diretor, Walter Horst Koller, a agilidade técnica da empresa foi fundamental para o processo de conclusão e liberação da

licença ambiental da Fepam. A capacidade produtiva da empresa deverá chegar a 30 mil frascos de produto por hora, quando todas as linhas estiverem a pleno. A Vinagres Prinz investirá R\$ 30 milhões em todo o projeto.



Não tem nem cerca mais. Mas estamos aqui. Estamos segurando as pontas do jeito que dá."

LEANDRO WIEBELLING
PROPRIETÁRIO DA SUCATA WIEBELLING



Leandro Wiebelling aguarda auxílio do governo para realocar empresa

Recuperar clientes

Entre os negócios impactados, a Sucata Wiebelling, de Lajeado, ainda tenta recuperar o espaço perdido. O proprietário, Leandro Wiebelling, mantém o negócio aberto, na espera de apoio de políticas públicas para transferir a empresa para uma área mais segura.

A sucata foi fundada há 50 anos pelo pai de Leandro, hoje com 82 anos. Além da empresa, o aposentado também perdeu a casa na tragédia. A família também se esforça para manter o quadro

de funcionários, tentando evitar demissões.

Leandro tem investido recursos próprios para manter a empresa. Foram quatro enchentes de grande porte. De acordo com ele, agora é a situação mais crítica. "Não tem nem cerca mais. Estou aqui, vou fazer o que? Estamos segurando as pontas do jeito que dá", relata Leandro. A clientela da sucata diminuiu 70%, reflexo da devastação da área onde o negócio está localizado.

Troca de endereço impacta nos empregos



Outra empresa histórica da região, a Fontana S.A, de Encantado, transfere parte da produção para Teutônia. "Estamos com uma dificuldade em termos de trabalhadores. Muitos são de Encantado, e preferem mudar de empresa do que fazer viagens para atuar em Teutônia", conta um dos sócios, Angelo Fontana.

"Temos processos seletivos, mas tem sido bastante difícil conseguir interessados. Vemos que toda

a região está com carência de mão de obra", realça. A fase de implantação das linhas começou neste mês. A indústria voltada a produtos de higiene foi uma das 13 empresas de médio e grande porte da região mais prejudicadas pelas inundações. "Fomos a que mais demorou a retornar. Além dos prejuízos, agora temos uma grande dificuldade em reconquistar espaço nas prateleiras dos supermercados".



Além dos prejuízos, agora temos uma grande dificuldade em reconquistar espaço nos supermercados."

ANGELO FONTANA
SÓCIO DA FONTANA S.A.



Construir ou reconstruir as empresas fora das áreas de risco agrega valor e solidez aos negócios."

VALMOR KAPLER
CONTADOR E CONSULTOR EMPRESARIAL

Permanência para fortalecer o Vale

"A continuidade das empresas na região é fundamental. São elas que vão contribuir com a retomada do Vale. Quanto mais rápido o trabalho voltar, melhor. Assim a nossa região vai conseguir superar as dificuldades", acredita a economista, doutora em Desenvolvimento Regional e presidente do Conselho de Desenvolvimento (Codevat), Cintia Agostini.

Muito desse movimento de continuar com vínculos locais, diz, se deve à característica dos negócios. "Se tivéssemos grandes corporações, menos comprometidas com o território e com as comunidades, talvez a história seria diferente."

Para Cintia, indiferente de alguma mudança de endereço, o importante é

que as atividades produtivas permaneçam dentro da região.

Conforme o contador e consultor empresarial, Valmor Kapler, a migração entre cidades do Vale desloca a arrecadação de um município para outro, mas a riqueza continua na região. "Esse deve ser o nosso propósito maior, o desenvolvimento regional", frisa.

Nestes termos, realça que os municípios que dispõe de áreas para instalar as empresas serão favorecidas no aspecto econômico e social pelo deslocamento das pessoas em busca de oportunidades de trabalho. Junto com isso, orienta: "construir ou reconstruir as empresas fora das áreas de risco agrega valor e solidez aos negócios."



Com pontes refeitas, Vale

FÁBIO KUHN



O Vale não estava preparado para a tragédia de maio. As águas comprometeram também a logística, com destruição de pontes, estradas e acessos

As enchentes impactaram severamente a infraestrutura do Vale do Taquari, destruindo pontes e comprometendo a mobilidade em toda a região. A comunidade estremeceu quando uma balsa colidiu com a ponte sobre o Rio Taquari, na BR-386.

A água engoliu pontes. A destruição de estradas afetou a produção, o turismo e o comércio. Restabelecer a logística virou prioridade coletiva. Hoje, as pontes reconectam negócios, vidas e estudantes.

A ponte da BR-386 sobre o Rio Taquari, entre Estrela e Lajeado, foi totalmente liberada

na tarde de segunda-feira, 14 de abril deste ano. Após sete meses de bloqueio parcial na pista norte, o trânsito voltou a funcionar em todas as faixas.

Durante o período em que esteve em obras, a ponte gerou extensos congestionamentos. No dia 5 de março, o A Hora anunciou uma lentidão na rodovia de 5 quilômetros.

Relembre

Em 2 de maio de 2024, a água chegou à ponte, causando temor e espanto na população regional. Longas filas se formaram na BR-386 para a passagem sobre o Rio Taquari, que apesar de tudo, resistiu à força das águas na enchente catastrófica. A travessia demorava até 3 horas em horários de pico.



JONAS HEIDMANN
PRIMEIRO MOTORISTA
A PASSAR PELA
NOVA PONTE DE FERRO

Ponte de Ferro

Entre as obras simbólicas, está a Ponte de Ferro, entre Lajeado e Arroio do Meio. A nova estrutura foi reaberta em 10 de junho, após uma reconstrução em tempo recorde, com a ajuda da iniciativa privada, especialmente da Lyall Construtora.

O motorista de ambulância, Jonas Heidmann, 50, foi o primeiro a passar. Para ele, a travessia foi marcante. “Sou muito grato por ser o primeiro a passar por ela”, disse na época.

A antiga ponte foi destruída por enchentes em 2 de maio de 2024. A liberação da travessia é um marco na reconstrução do Vale do Taquari e reestabeleceu a conexão vital entre Lajeado e Arroio do Meio.



FÁBIO KUHN/ARQUIVO

movimenta a economia



MATEUS SOUZA

Ponte de Canudos do Vale

A inauguração da ponte sobre o Arroio Forquetinha, em Canudos do Vale foi muito festejada. A estrutura foi uma das mais atingidas pelas chuvas de 2024. Destruída na enchente de 1º de maio, foi reconstruída e inaugurada em 26 de abril. Com 70 metros de comprimento e 7,2 metros de largura, a obra foi financiada com R\$ 3,276 milhões do MIDR, por meio da Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil (Sedec). O tráfego foi restabelecido e, mais do que isso, a ponte simbolizou a superação da comunidade. Os primeiros veículos a cruzá-la foram um carro da Brigada Militar, uma ambulância e um caminhão com uma banda — representando a proteção, a vida e a alegria.



DIVULGAÇÃO

Municípios conectados

Houve muito esforço de entidades empresariais e lideranças para reconectar as estruturas. A Câmara da Indústria e Comércio (CIC) coordenou a reconstrução

de 10 pontes, com apoio do programa Reconstrói-RS.

Pontes dos municípios de Anta Gorda, Arroio do Meio, Coqueiro Baixo, Doutor Ricardo, Encantado, Ilópolis, Pouso Novo, Putinga, Relvado, Travesseiro e Santa Tereza, foram refeitas, movimentando novamente a economia dos locais.



ALDO LOPES



ANDRÉIA RABAIOLLI

BÁRBARA GOMES
PROFESSORA DE MUÇUM



Hoje, a ponte reconstruída mostra um pouco de nossa história. Estamos voltando ao eixo."

Brochado da Rocha: "A ponte é simbólica para os pequenos alunos"

A ponte rododiferroviária Brochado da Rocha, que liga Muçum a Roca Sales, foi oficialmente inaugurada a 8 de março de 2025, após ser reconstruída e reaberta para o tráfego de veículos. A obra teve um custo de R\$ 9,6 milhões, financiados pelo governo federal. A ponte não só facilitou a vida de motoristas como de pequenos estudantes.

Na EMEF Castelo Branco, a poucos metros da ponte Brochado da Rocha, em Muçum, os alunos caminham pela avenida, de mãos entrelaçadas. A professora Bárbara Gomes coordena o passeio, para voltarem em segurança à escola.

A ponte se torna gigantesca ao lado das crianças. A estrutura, vital para Roca Sales e Muçum,

voltou a ser liberada em março de 2025. Se tornou um símbolo também para os pequenos. “Com a ponte refeita, as crianças não precisam mais caminhar pelos trilhos até chegar à escola. Os pais as trazem de carro”, salienta Bárbara que se emociona com a reconstrução da cidade.

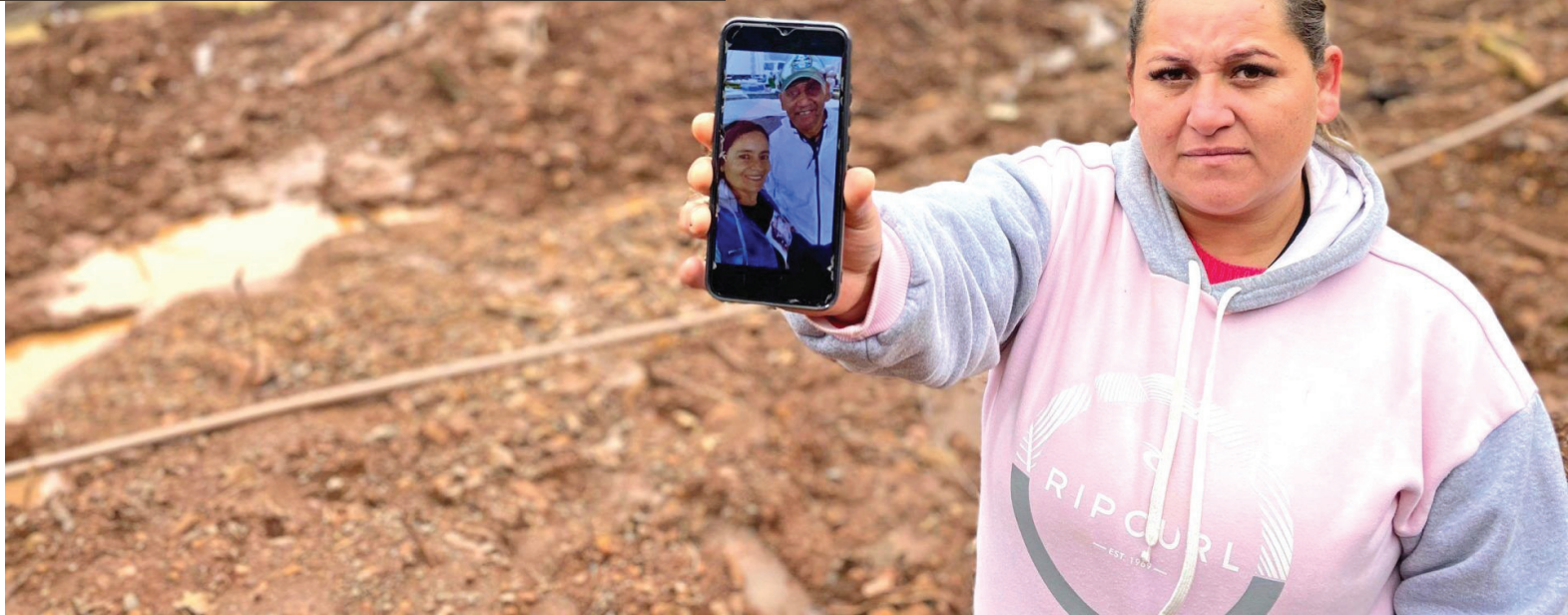
A professora sonhava em atuar na escola e, quando conquistou a vaga, a enchente inundou a estrutura em setembro. E, em maio, novamente. “Foi um choque, as crianças perderam seu segundo lar”, relembra. Hoje, cem por cento delas voltaram às aulas presenciais. “A ponte reconstruída mostra um pouco de nossa história. Estamos voltando ao eixo”, sorri Bárbara.



DIVULGAÇÃO

Entre o luto e o recomeço

Além das destruições estruturais e ambientais, cheias deixaram marcas de saudade naqueles que perderam famílias ou ainda aguardam uma resposta



As famílias da região ainda vivem o luto e buscam o recomeço, um ano depois da tragédia. Em maio de 2024, as enchentes deixaram entre as marcas, 50 óbitos e 14 pessoas desaparecidas. Outras centenas ainda aguardam moradias e tentam reestruturar suas vidas.

Ademar Boaro enterrou sete pessoas de sua família nas últimas duas enchentes. Ele aponta para o deslizamento em Linha Fernando Abott, em Roca Sales. “Aqui foi a pior tragédia, perdi seis familiares”. Outra vítima foi de um soterramento próximo. Ele passeia pelo local diariamente, na companhia de dois cães.

Boaro precisou de ajuda psicológica. Mas manteve-se forte nas horas cruciais. “Eu ajudei a distribuir cestas básicas durante as tragédias”, lembra. A

Vanessa, filha do casal desaparecido César e Bernardete, foi informada que os pais estavam na residência em Jacarezinho. Casa foi destruída por deslizamento

participação ativa, no entanto, não o livrou do trauma. Durante 30 dias, a comunidade ficou ilhada, sem acesso à luz, água ou comida.

Boaro abrigou em casa, dez pessoas que perderam os lares. E nos momentos mais tensos, o grupo se revezava na vigília noturna. No tempo chuvoso, uns observavam os morros com a ajuda de lanternas e outros dormiam. Todos atentos aos movimentos de terra. Era um sono obrigatório, não reparador.

Dormir de verdade, apenas nestas últimas semanas, quando a vida volta ao ritmo. “Com a ponte

e os acessos liberados, nossa situação começa a se normalizar”, relata Boaro. Na voz, um forte apelo. “Desejo que isso nunca mais aconteça. Nunca mais”.

Sem respostas

No dia 30 de abril, completou um ano que os moradores de Linha Jacarezinho, em Encantado, César Gilmar das Chagas, 53, e Bernardete Marques da Silva, 49, estão desaparecidos. Uma das filhas, Gicele Andressa Das Chagas, 23, conta que o último contato com o casal foi pelo WhatsApp.

“Não consegui contato no dia 30 e no dia 1º de maio consegui entrar em um grupo de moradores de Encantado e região. No dia 2, eu comecei a assistir as lives feitas pelos veículos de comunicação

e consegui anunciar o nome dos meus pais ao vivo”, conta.

Gicele diz que a polícia informou à irmã, Vanessa Aparecida Das Chagas, 38, sobre o relato de um vizinho, confirmando que César e Bernardete estavam na casa, que ficava próxima ao posto do Pedrão e ao lado da residência de Josiane Machado, que morreu durante um deslizamento de terras na localidade durante os temporais. A casa dos pais também foi levada pelos deslizamentos.

A jovem diz ter sido um momento difícil de buscas. “É uma tormenta pra não saber onde eles estão ou onde estão os corpos”.

Depois de um ano do ocorrido, ela conta ter se aproximado dos avós, e também manteve contato com a irmã. “Minha avó me incentivava a seguir em frente. Fiz três viagens a passeio, uma fora do estado. Mesmo assim, é quase inevitável não pensar na falta que sinto todos os dias”.

Gicele passou o primeiro aniversário da mãe e do pai sem eles e afirma que o local onde viviam ainda está soterrado. “Não nos informam se vão ser feitas ainda buscas. Não ter mais nenhuma informação é a pior parte”.

Com esperança

A última vez que Paulo Everton Fiel viu a mãe, Diana Alvez Meireles, também foi no dia 30 de abril de 2024. O encontro foi na casa da família, no Passo de Estrela, em Cruzeiro do Sul. “Almocei com ela e arrumamos as coisas. Ela me disse para ir a Lajeado e ajeitar o meu apartamento, que tinha sido atingido pela enchente em 2023”.

Diana ficou em Cruzeiro com o caseiro, o Ninja. “Até aquele momento, a enchente não tinha



A última vez que Paulo viu a mãe, Diana Alvez Meireles, foi no dia 30 de abril de 2024, no Passo de Estrela

previsão de ser maior que a de setembro”, lembra. Em Lajeado, a água começou a invadir o prédio de Paulo, no Hidráulica.

“A água começou a subir e a previsão da cheia mudou. Minha mãe disse que estava tranquila, que conversávamos na sexta”. Paulo ligou para a Defesa Civil e pediu resgate para a mãe.

“Só tive noção do que aconteceu no sábado, quando vim até a divisa entre Cruzeiro do Sul e Lajeado”. Diana e o caseiro nunca foram encontrados. “Eu procurei pela mãe em todos os abrigos do Vale do Taquari e até na Região Metropolitana. O corpo também não foi encontrado. Costumo dizer que tenho 1% de esperança dela estar viva. Ela sofria com Alzheimer, então talvez esteja em algum lugar. Ainda pago a conta do telefone dela, talvez alguém ligue um dia.”



ANDRÉIA RABAIOLLI

Ademar Boaro perdeu a família em deslizamento na Linha Fernando Abott, em Roca Sales

Depois da tragédia, atenção ao meio ambiente



Municípios investem em prevenção, manejo do solo e limpeza dos rios para reduzir os impactos das mudanças climáticas

A enchente no Vale do Taquari ocorreu devido a um conjunto de fatores, incluindo chuvas intensas, ciclone extratropical, o fenômeno El Niño, aquecimento global e as mudanças decorrentes da urbanização em áreas de inundação. Em maio do ano passado, a água do rio atingiu níveis recordes, superando a marca histórica de 1941 em Lajeado. O Rio Taquari atingiu 33,66 metros na tarde do dia 2 de maio em Lajeado. As cheias que atingiram toda a região deixaram pontes destruídas e acessos bloqueados. Milhares de casas foram levadas pelas águas e dezenas de vidas perdidas. A tragédia ainda mudou a natureza,



FLÁVIO
FOLETTO
ENGENHEIRO
AMBIENTAL

Boa parte da região é agrícola. Por causa disso, temos uma baixa capacidade de infiltração, devido à forma como o solo é ocupado."

das terras e do rio. Em áreas atingidas, municípios criam parques e apostam em tecnologias de absorção das águas para evitar danos maiores em uma possível nova cheia. Especialistas também defendem a necessidade do replantio de mata ciliar nas encostas dos rios.

Desassoreamento busca retirar sedimentos dos mananciais, para prevenir ou diminuir danos de novas cheias

Para amenizar tragédias

O engenheiro ambiental Flávio Foletto vive os desafios climáticos na sua propriedade. Como empreendedor rural, planta e vende. Como especialista, analisa o uso inadequado do solo como um dos fatores que agravam as enchentes no Vale do Taquari. Segundo ele, a terra deveria ter maior capacidade de reter a água da chuva, o que ajudaria a reduzir os efeitos de eventos extremos. No entanto, isso não ocorre no Vale do Taquari. "Boa parte da região é agrícola. Por causa disso, temos uma baixa capacidade de infiltração, devido à forma como o solo é ocupado", explica. A baixa absorção do solo, associada ao volume excepcional de chuvas registrado em maio passado, potencializou a dimensão da tragédia. No entanto, com as ferramentas estatísticas insuficientes da época, "não teve como prever uma situação como a que aconteceu conosco." Para Folletto, a solução para amenizar os desastres é complexa,



Escombros que ainda permanecem nos municípios, como em Arroio do Meio, também exigem medidas para limpeza das cidades

demanda ações estruturadas, planejamento a longo prazo e comprometimento coletivo. Só assim, o Estado deixaria de apenas reagir às tragédias e passar a atuar de forma preventiva.

Desassorear RS

Municípios da região ainda participam do programa Desassorear RS, do governo do estado. A iniciativa faz parte do Plano Rio Grande, e visa desassorear e limpar arroios, canais de drenagem e sistemas pluviais afetados por enchentes. No Vale, Arroio do Meio foi o primeiro município a iniciar os trabalhos. Outras cidades, como Lajeado, Estrela, Taquari, Marques de Souza, Mato Leitão e Encantado também possuem planos para executar a limpeza dos recursos hídricos. Em Lajeado, sete pontos recebem o desassoreamento, com um investimento de R\$ 528 mil. Foram mapeados pontos nos arroios Saraquá, Engenho, e nos rios Taquari e Forqueta. Mato Leitão também está na lista de municípios contemplados no programa. O objetivo no município é desassorear o Arroio Sampaio, que passa por localidades da região do Vale do Sampaio. Ainda, Marques de Souza enviou cinco projetos de desassoreamento, no Arroio Tamanduá, Sanga Diesel, e três pontos ao longo do Rio Forqueta - antigo Camping do Neitzke, área urbana perto da ponte e outro no Distrito de Tamanduá. A medida busca retirar sedimentos dos mananciais, para prevenir ou diminuir danos de novas cheias.

Medidas para a redução de danos

- Melhor manejo do solo por parte de agricultores e indústrias.
- Implantação de áreas de agrofloresta.
- Criação de um programa contínuo de desassoreamento do rio, especialmente nas partes superiores.
- Remoção constante dos cascalhos acumulados nos rios Forqueta e Taquari.
- Recuperação das margens com espécies vegetais adequadas, indo além do simples cumprimento de protocolos de reflorestamento.
- Desenvolvimento de um amplo estudo sobre a vegetação ideal para cada trecho, investigando a mata ciliar no Vale e em todo o Estado.
- Monitoramento estratégico dos rios, com instalação de sistemas de vigilância do nível nas diversas pontes ao longo do leito do Taquari, de Lajeado até São José dos Ausentes.

Vale capacita sistemas de alerta e aposta na informação

Municípios reorganizam planos de contingência, investem em tecnologia e criam redes comunitárias para enfrentar possíveis novos eventos climáticos extremos com eficiência e rapidez

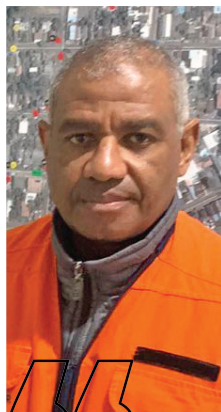
A inundação de maio do ano passado, somada aos episódios de setembro e novembro de 2023, elevaram a necessidade de organização dos planos de contingência em todo o RS. Esses episódios provocam mudanças estruturais em todas as escalas da Defesa Civil, em âmbito nacional, estadual, regional e municipal.

No Vale, os governos municipais mudam o entendimento sobre a importância do órgão e investem na melhoria do setor. “Passou um ano. Priorizamos analisar o que funcionou e o que falhou, para melhorar nossas respostas. Revisamos os planos internos, inauguramos um centro de comando integrado e uma sala de crise para reunir as autoridades e facilitar o acompanhamento em tempo real das ocorrências”, resume o secretário de Segurança Pública de Lajeado, Paulo Locatelli.

Além disso, na cidade, foram feitas adaptações nos abrigos. “O Parque do Imigrante segue como nosso principal local de acolhimento, mas a estrutura de atendimento em saúde e logística foi aprimorada”, acrescenta.

O município ainda comprou barcos e botes de resgate, instalou sirenes de alerta sonoro e começou a organizar os núcleos comunitários de Defesa Civil para reforçar o trabalho de prevenção nas comunidades. Também foram colocados sensores para medição do nível do Rio Taquari.

A estratégia, segundo o coordenador municipal da Defesa Civil, Marcelo Maya, é ter todos os processos encaminhados antes de catástrofes climáticas, com planos de contingência estabelecidos em cada uma das repartições públicas, com recursos prontos para projetos de manutenção de infraestrutura em momentos críticos.



MARCELO MAYA

COORDENADOR DA DEFESA CIVIL DE LAJEADO

Tudo está sendo planejado para que possamos retirar as pessoas das áreas de risco de forma antecipada e segura.”

Capacitação

Depois das últimas cheias, voluntários que atuaram com embarcações e salvamentos organizaram um grupo com o município e da Defesa Civil, e vêm recebendo treinamentos para melhorar a atuação em caso de necessidade.

Ainda, são criados os Núcleos



Em termos de Vale do Taquari, a coordenação regional da Defesa Civil finaliza um estudo com 59 cidades, tanto da região quanto do Vale do Rio Pardo

Comunitários de Proteção e Defesa Civil nas áreas de risco, que consistem na reunião e organização das pessoas dos bairros atingidos, para orientá-las e treiná-las para entenderem os alertas e reagirem de acordo com a necessidade, para que todas possam ser retiradas de suas casas com segurança, em caso de inundação.

“Todo este conjunto de medidas está sendo planejado para que possamos alertar e retirar as pessoas das áreas de risco de forma antecipada e segura”.

Informação à comunidade

“Até os episódios de 2023 e 24, nossa resposta era adequada, pois as cheias eram mais previsíveis. A velocidade e a magnitude dos eventos foram fora da curva. Agora, buscamos antecipar informações, trabalhando com margens de segurança em cima do que aconteceu em maio passado”, diz Maya.

Para isso, foram implantados sistemas de monitoramento

em tempo real, inclusive no Rio Forqueta, com transmissão de imagens e informações sobre o nível da água. O sistema de sirenes também foi ampliado: além do alerta sonoro, mensagens de voz informam a população sobre áreas de evacuação obrigatória.

“Precisamos treinar as pessoas, para que elas compreendam o tempo certo para sair dos locais onde a água vai chegar.



Há um senso de urgência que nunca vimos antes. A importância de ter uma Defesa Civil preparada faz parte das preocupações.”

HÉLIO SCHAUREN
COMANDANTE DA DEFESA CIVIL REGIONAL



FILIPE FALEIRO

Lajeado comprou botes e barcos, reestrutura as rotas logísticas para retirada de famílias e prepara formações para os Núcleos Comunitários de Proteção e Defesa Civil



Diagnóstico regional

Em termos de Vale do Taquari, a coordenação regional da Defesa Civil finaliza um estudo com 59 cidades, tanto da região quanto do Vale do Rio Pardo. Conforme o comandante Hélio Schauben, o trabalho detalha como está o preparo das equipes, qual a estrutura de socorro em termos de veículos e materiais, o mapeamento de todas as áreas de risco para enxurradas e deslizamentos. “Temos conseguido qualificar todos os dados sobre como estamos. Dentro dos municípios e nas

próprias populações, há um senso de urgência que nunca vimos antes. A importância de ter uma Defesa Civil preparada faz parte das preocupações de todos.” Dentro da Política Estadual de Proteção e de Defesa Civil o Executivo gaúcho estabelece um conjunto de ações com a missão central de garantir estratégias pré-vias de enfrentamento nas instituições públicas, como uma forma de fazer com que as comunidades tenham reforço de ajuda antes dos

episódios extremos. Junto com o plano de contingência estadual, o governo gaúcho formalizou parcerias com o Ministério Público (MP) e com a Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados (Acnur). As cooperações técnicas se concentram em protocolos para áreas de comunicação, saúde e assistência social. Também integra a lista de medidas ações de educação e conscientização sobre riscos de desastres climáticos.



Processos em andamento



Governo do Estado

- Treinamentos voltados às Defesas Cívicas, com leitura meteorológica, previsão de mananciais, riscos de deslizamento e uso de equipamentos.
- Primeiro Centro Regional de Defesa Civil em Lajeado. Licitação aberta e construção prevista para 2026.
- Investimento do Funrigs em dragagem de pequenos arroios e cursos d’água.
- Ampliação na equipe da Sala de Situação, Defesa Civil, e instalação de equipamentos para melhorar a previsibilidade em termos de inundações.
- Região dos Vales (Vale do Taquari e Vale do Rio Pardo)
- Adaptação dos planos de contingência à nova realidade climática.
- Formação de Núcleos Comunitários de Proteção e Defesa Civil.



Governo Federal

- Orçamento de R\$ 6,5 bilhões para estudos hidrológicos, geológicos, batimetria em rios, com consequente reassoreamento dos pontos críticos. Também estão previstas obras estruturantes, em especial na Região Metropolitana.
- Formação do Conselho de Monitoramento das Ações e Obras para Reconstrução do RS. Um órgão consultivo, formado por agentes federais e estaduais, responsável pela gestão dos recursos.
- Implementação de um sistema de alertas via celular pelo Ministério da Integração Nacional e pela Agência de Telecomunicações (Anatel). A plataforma usa as redes 4G e 5G para emitir mensagens gratuitas e sonoras.

- Aproximação de conhecimentos entre municípios, com troca de informações e de experiências entre cidades com mais estrutura para qualificar as de pequeno porte.
- Diagnóstico em curso sobre a estrutura regional hoje.
- Instalação de sirenes de alerta. O sistema emitirá sinal sonoro seguido de mensagem de voz com orientações de evacuação.



Municípios ainda melhoram abrigos e buscam fortalecer sensores de alertas para informar e retirar a população com rapidez e segurança



A devastação em números

20 mil famílias do campo foram afetadas pela enchente no Vale

9 mil tiveram roças e estábulos invadidos e interromperam as atividades

3 mil famílias tiveram as propriedades completamente destruídas

A resiliência que vem do campo

Mesmo diante da destruição provocada pelas enchentes, agricultores mostram que a força da terra também está nas pessoas que a cultivam e que não desistem de produzir

A agricultura, um dos motores da região, foi duramente atingida pelas enchentes. Mas quem é do campo tem a habilidade de não se abater. Essa força ensina sobre reconstrução. No Vale do Taquari, apesar dos desafios, os agricultores não querem abandonar o campo e buscam alternativas para recompor a terra, atuando para evitar erosões e regenerar o solo.

O criador de suínos Marcos Lohmann perdeu 300 animais na tragédia de maio. Morador do interior de Roca Sales, ele conta que a cheia arrasou a Granja Lohmann, atingindo casas, plantações, chiqueiros e galinheiros. Durante um mês, precisou se instalar na propriedade de um amigo, já que a sua ficou coberta por lodo e

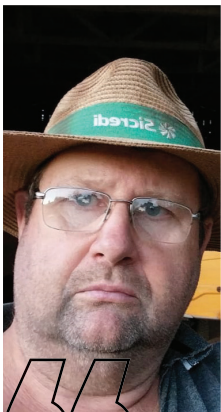
entulhos.

Um ano depois, Lohmann se enche de orgulho: “Minha propriedade está linda”. No fim de maio, ele conclui a instalação de um novo chiqueirão, com capacidade para 500 suínos. Recentemente, encerrou também a colheita da soja, conseguindo retirar 51 sacas por hectare.

O último ano foi de esforço redobrado, acordando por volta das 6h para recuperar a propriedade. “A enchente de maio foi muito lamacenta, mas tem de se virar. Se eu não tocar a vida, eu não chego lá.”

A força da família Lohmann está na vibração da voz, nas mãos que reatam o cultivo, na sagacidade de administrar após a tragédia. A colheita deste ano ainda não cobre todos os investimentos, mas ele terceiriza serviços e intensifica o trabalho.

Nos planos para 2025, estão a construção de um novo galinheiro



MARCOS LOHMANN
CRIADOR DE SUÍNOS



A enchente de maio foi muito lamacenta, mas tem de se virar. Se eu não tocar a vida, eu não chego lá."

e a reativação da vertente de água — o poço artesiano da comunidade fica em suas terras e 56 famílias dependem dele.

Lohmann cobra também mais esforço dos governos para olhar para o campo, incentivando os agricultores com linhas de crédito e melhores taxas de juros.



CRISTIANO LASTE
COORDENADOR REGIONAL DA EMATER,



Essas famílias, que também tinham chiqueirões, vacas de leite ou aviários, tiveram de migrar para outro ramo."

20 mil famílias atingidas

Na tragédia que atingiu a região no ano passado, 20 mil famílias de agricultores foram afetadas. Dessas, nove mil tiveram estábulos e roças

invadidos pela água e precisaram interromper suas atividades. Um dado ainda mais duro: três mil famílias tiveram as propriedades totalmente destruídas. Casas que abrigavam pais, filhos e netos num mesmo terreno foram arrancadas da terra.

“Essas famílias, que também tinham chiqueirões, vacas de leite ou aviários, tiveram de migrar para outro ramo de atividade”, relata o coordenador regional da Emater, Cristiano Laste. Muitos pararam de criar suínos e vacas e passaram a cultivar soja, milho e pomares, que exigem investimentos menores. “São atividades de menor risco”, explica Laste.

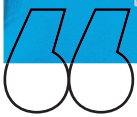
Driblar dificuldades é parte do cotidiano do agricultor. A confiança na terra os faz fortes. “Não sei de onde retiram tanta força de vontade. Estão sempre dispostos a recomeçar”, reforça. No campo, se formou uma corrente de solidariedade: um ajuda o outro, e essa empatia os torna ainda mais unidos. “Há uma cultura de apoio, de não se entregar”, observa Laste.

O coordenador enfatiza que há uma grande preocupação ambiental. Hoje, os produtores isolam as áreas próximas aos rios e deixam o solo se regenerar, para permitir que a vida cresça espontaneamente.

A Emater atua junto nessa reconstrução, com 140 técnicos apoiando as famílias. “A Emater está interligada com todos os municípios”, comenta Laste.



ANA PAULA MACHADO TORRES
PEDAGOGA



É como se cada parede quebrada e cada casa coberta de mato ainda chorasse pela família que perdeu"

No Vale do Taquari, a palavra “recomeço” deixou de ser conceito para se tornar prática cotidiana. Um ano depois das enchentes que deixaram cidades submersas, lares destruídos e vidas suspensas, o cenário de dor começa a dar espaço à reconstrução. Não apenas de casas ou igrejas, mas de confiança, em si mesmos, na terra e no futuro.

Ana Paula Machado Torres, 43, viu tudo de longe. No Acre, onde morava, acompanhou os relatos sobre a tragédia de maio de 2023 com olhos marejados e coração apertado. “A gente sente, mas de longe é impossível dimensionar”, diz.

Em abril deste ano, ela decidiu vir até o Vale. Não apenas para ver, mas para ficar. Caminhando pelas ruas do Bairro Marmitt, uma das áreas mais atingidas de Estrela, Ana Paula viu de perto o que antes só conhecia pela televisão. “Não é a mesma sensação. Aqui, a dor é palpável. É como se cada parede quebrada e cada casa coberta de mato ainda chorasse pela família que perdeu”, descreve.

Formada em pedagogia, Ana Paula busca uma oportunidade na área da educação. E, apesar da destruição ainda visível, o que enxerga por trás das janelas quebradas é futuro. “Há muita coisa a ser feita. E isso significa que há espaço para quem quer contribuir. Por mais que cidades estejam assim, existem oportunidades.”

Vida aos bairros

Essa percepção não é isolada. A reconstrução do Vale movimentou setores, reacende laços comunitários e atrai olhares de quem vê na região mais do que ruínas, mas também potencial. Prefeituras investem em

infraestrutura, empresas buscam mão de obra, e instituições se mobilizam para restaurar não apenas prédios, mas também a vida que havia neles.

É o que acontece em Arroio do Ouro, interior de Estrela. Uma comunidade pequena, mas com uma fé gigante. A enchente levou 30 casas de moradores da localidade. A Igreja São Pedro Canísio também foi atingida, mas nem mesmo a água conseguiu apagar a fé do povo.

“A santinha de madeira foi arrastada até a porta, mas não saiu da igreja. A gente viu ali um sinal de que algo maior estava conosco”, conta Maria Elizabete Fell, ministra da Eucaristia. O templo foi tomado pela água, os 57 bancos foram parar no matagal, e as paredes ficaram cobertas de lama.

Mas bastaram alguns dias para que a comunidade se reunisse. Com enxadas, tratores e solidariedade, moradores,

Asterio Fell é presidente da comunidade, de Arroio do Ouro. A Igreja São Pedro Canísio contou com a ajuda da comunidade para se reerguer

incluindo os jogadores do time de futebol local, foram ao encontro dos bancos perdidos e começaram a limpar o templo.

Hoje, a igreja está de pé. Paredes pintadas, chão refeito e novenas em andamento. “Estamos de volta”, afirma com orgulho o

Aposta no futuro

Um ano depois da tragédia, região transforma ruínas em oportunidades, reconstrói espaços e atrai novos moradores



O empresário Jeferson Bianchini voltou a apostar nas margens do Rio Taquari e abriu uma petiscaria



JEFFERSON BIANCHINI
EMPRESÁRIO



Dizem que sou corajoso, por ser uma zona de risco. Mas sempre fui batalhador e quero deixar algo aos meus filhos"

presidente da comunidade, Asterio Germano Fell. Ele estava dentro da igreja no momento em que a água chegou. “Parecia impossível que a gente fosse retomar. Mas retomamos. O primeiro kerb aconteceu em abril, e foi lindo. Era nossa forma de dizer: estamos vivos.”

O mesmo movimento de ressurreição se vê na creche da comunidade, reaberta também em abril. “A escolinha é o coração da nossa comunidade”, diz Asterio. “É onde os filhos crescem, os pais se encontram e a esperança se planta.”

Empresário abre negócios na orla

Aos poucos, as margens do Taquari também voltam a ganhar vida. Apesar do medo de uma nova tragédia, empresários voltam a investir no local e buscam formas de atrair novos fregueses.

Em Lajeado, essa realidade é vista na rua Oswaldo Aranha, local em que o empresário Jeferson Jair Bianchini abriu uma petiscaria, em um dos pontos mais atingidos pelas águas. O estabelecimento foi inaugurado em abril de 2025. Nico, como é chamado, acredita na recuperação do lugar. “Aqui é o melhor ponto da cidade. A beira do rio é muito legal”, atesta. Nico frequentava o antigo restaurante que foi mantido na estrutura durante 35 anos.

Hoje, serve porções, hambúrgueres e tâbuas de frios. O empresário investiu na pintura, colocou móveis e reorganizou o ambiente. “Dizem que sou corajoso, por ser uma zona de risco. Mas sempre fui batalhador e quero deixar algo aos meus filhos”, destaca.

O Vale do Taquari vive um processo de cura coletiva. E quem chega percebe isso no olhar de quem ficou.



CENTRO
CRUZEIRO DO SUL

PASSO DE ESTRELA
CRUZEIRO DO SUL

CENTRO
MUÇUM

PONTE ERS-130
LAJEADO/ARROIO DO MEIO



Lajeado é mais que uma cidade.
É o lugar onde cada sorriso,
cada ideia e cada sonho ganham vida.
Aqui, somos mais que vizinhos.
Somos uma comunidade que
cresce, que cria, que acredita.

Lajeado é mais que ruas e praças.
É o cenário das nossas memórias.
Palco do nosso futuro.

É onde o rio nos ensina
a seguir em frente.
Onde a história nos lembra
da força das nossas raízes.

Aqui, todo lajeadense carrega
o orgulho de ser e viver.
Porque aqui não é só onde
vivemos, é onde pertencemos.

*Aqui é o
meu lugar.*



PREFEITURA DE
LAJEADO

Aqui é o 
nosso lugar



LAJEADO

DADOS GERAIS

POPULAÇÃO
96,6 mil pessoas

PIB PER CAPITA
65 mil

ORÇAMENTO
R\$ 672 milhões



A cidade de Lajeado cresce de forma acelerada e vertical. Em função do território reduzido, observam-se prédios mais altos ocupando espaços e, de certa forma, desafiando o poder público a manter em alta a qualidade de vida do município — é o primeiro da Região dos Vales no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) e 145º no ranking nacional — mesmo em períodos difíceis, como o pós-enchente de 2023 e 2024. A prefeita Gláucia Schumacher e o vice Guilherme Cé elencaram três pontos para a gestão: reconstrução e prevenção, zeladoria

e infraestrutura e mobilidade.

Garantir que moradores transitem com facilidade entre bairros e municípios vizinhos é um dos desafios. Nos primeiros 100 dias de governo, foram iniciados estudos para identificar os gargalos logísticos de curto, médio e longo prazo a serem utilizados na projeção de obras, tanto de pavimentação como de alargamento ou abertura de novas vias.

Para fora, a preocupação pós-enchente era com a conclusão da nova ponte sobre a ERS-130, na divisa com Arroio do Meio, sobre o arroio Forqueta, entregue em abril pelo Governo do Estado. Também a restauração da ponte sobre o rio Taquari, entre Lajeado e Estrela, na BR-386, recentemente liberada pela concessionária CCR. As duas estruturas são importantes, pois ligam a Região dos Vales ao Alto Taquari, Grande Porto Alegre e Norte do Estado.



Nossa administração é 'pé no chão', voltada à comunidade.

Gláucia Schumacher
Prefeita

O MAIOR PRÉDIO DO ESTADO

O crescimento vertical urbano dá a Lajeado a oportunidade de ter o prédio mais alto do Rio Grande do Sul. Trata-se do Edifício Residencial São Cristóvão (foto), construído no bairro homônimo. Obras da estrutura de 150 metros e 38 pavimentos iniciaram em novembro de 2019 e foram concluídas em setembro de 2024. O edifício ultrapassou o Chardonnay 257, de Passo Fundo, em cerca de 10 metros de altura.



RECONSTRU

A reconstrução da cidade de Lajeado, pela prefeita Gláucia Schumacher, o momento, cerca de 100 obras estão condenadas a serem demolidas por causa do enchente, colocando a habitação de um dos principais eixos determinados locais, a reconstruir. Em outros, o projeto permite construir com uma cota de 27 metros (10 metros acima do nível normal).

Para amenizar o impacto da população atingida, algumas providências foram tomadas, como a isenção de IPTU para os proprietários de imóveis e aluguel de mais de 500 famílias. A cidade aguarda as 730 casas a serem entregues por programas federais e iniciativas privadas, conforme a gestão municipal. Foram entregues por outros governos, mas não foram concluídas.

ZELADORIA

Depois da enchente, a cidade de Lajeado retorna à gestão de Gláucia Schumacher, segundo ela, com os desafios, depois de uma parada estratégica para avaliar o impacto climático e buscar saídas para a reconstrução. A experiência com as duas últimas enchentes, de filha de um prefeito, Edio Schumacher, no município três vezes, dá-lhe a serenidade e a capacidade de estabelecer prioridades para o Município. Perguntada sobre o legado pretendido, ela responde: "Tendo uma"

RECONSTRUÇÃO E PREVENÇÃO

A reconstrução de parte da cidade de Lajeado preocupa a prefeita Gláucia Schumacher. Até o momento, cerca de 450 residências estão condenadas ou foram demolidas por causa da enchente, colocando a habitação como um dos principais desafios. Em determinados locais, não se pode construir. Em outros, o Plano Diretor permite construções acima da cota de 27 metros (14 metros acima do nível normal do rio).

Para amenizar a situação da população atingida, várias providências foram tomadas, como isenção de IPTU para mais de 1,5 mil imóveis e aluguel social para mais de 500 famílias, enquanto se aguarda as 730 casas destinadas por programas federais e estaduais e iniciativa privada. Até abril, conforme a gestora, seis moradias foram entregues por organização não governamental e dez estavam sendo concluídas através do



Relação cidade/rio mudou depois das enchentes de 2023 e 2024

programa Uma Casa por Dia.

Em relação à prevenção, Gláucia informa que o plano de contingência para enchentes de grande porte foi atualizado. Constantemente são realizados treinamentos de agentes da Defesa Civil, e Núcleos Comunitários de Proteção e Defesa Civil foram organizados. Sirenes de alerta de desas-

tre estão sendo instaladas. Além disso, a Universidade do Vale do Taquari (Univates) realiza estudos técnicos de planejamento territorial, para futura atualização do Plano Diretor, e recuperação de taludes e mata ciliar nas margens dos rios Taquari e Forqueta. Também foi ampliado o programa de reflorestamento Lajeado Mais Verde.

ZELADORIA

Depois da enchente de 2024, Lajeado retorna à rotina. O ano e a gestão de Gláucia Schumacher, segundo ela, começaram embalados, depois de um período de parada estratégica para absorver o impacto climático, avaliar e buscar saídas para tantos problemas. A experiência como vice-prefeita nas duas últimas gestões e o olhar de filha de um ex-prefeito [Cláudio Schumacher governou o Município três vezes] lhe dizem para ter serenidade em momentos de estabelecer prioridades para o Município. Perguntada sobre qual legado pretende deixar, responde: "Tendo uma cidade organiza-



Objetivo da nova secretaria é zelar pela limpeza dos bairros

da, com infraestrutura adequada, melhoras na saúde e na educação, estarei satisfeita".

Gláucia trabalha para oferecer o melhor caminho para que empresários e moradores façam sua parte. Por isso, pretende trabalhar "com os pés no chão". E uma das

primeiras providências foi criar a Secretaria de Serviços Urbanos (Sesu), que assume funções que estavam com a Secretaria de Obras e, sozinha, não conseguia atender a todas as demandas relativas aos serviços urbanos ou à zeladoria.